

Artigo

Arte, Memória e Ancestralidade: Bordando memórias

Art, Memory and Ancestrality: Embroidering memories

Tania Cristina Freire

Resumo

O presente artigo reproduz a apresentação realizada no I Congresso Paulista de Arteterapia e IX Fórum de Arteterapia da AATESP e tem como objetivo realizar considerações a respeito da memória, desde a visão na filosofia até a neurociência e sua importância na Arteterapia. Apresentando a experiência de uma atividade arteterapêutica do bordar com idosos atendidos em Centro de Convivência, onde foi capaz de verificar-se o potencial desta arte e de resgatar memórias ancestrais, seja no paciente ou mesmo no terapeuta.

Palavras chaves: Arteterapia, Memória, Ancestralidade, Idosos.

Abstract

This article describes the presentation on “I Congresso Paulista de Arteterapia e IX Fórum de Arteterapia da AATESP” and has the objective to make considerations about memory, since the philosophy vision until the neuroscience and it’s importance on Art therapy. Showing the experience of an art therapeutic activity of embroider with elderly that have been care in a convention center, it shows the potencial of this art and rescue ancestral memorie, at the patient or even at the therapist.

Key words: Art Therapy, Memory, Ancestry, Seniors.

Arteterapeuta, Arte Educadora, Mestre em Distúrbios do Desenvolvimento (Mackenzie), Especialista em Neuropsicologia e Neuropedagogia. Graduada e Psicóloga. Contato: artereab@gmail.com

Como seria nossa vida se ao dormir esquecêssemos tudo o que aprendemos no dia? Como seria nossa vida se não recordássemos absolutamente nada dpassamos até hoje, se tivéssemos um livro em branco todos os dias? E se tudo que nos foi ensinado, por nossos pais, por nossas vivências familiares não ficassem gravados em nossa memória.

Seria assim a vida, um vazio, nenhum aprendizado, uma começar novamente a cada dia. Não haveria a capacidade de recordar dos momentos bons ou ruins, não haveria capacidade de compreender a linguagem ou mesmo realizar atividades motoras.

Não teríamos a capacidade de formar nossa identidade pessoal. Não haveria assim um fio condutor para a construção de nosso bordado pessoal.

Segundo Chauí (2000, p.158) “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total”.

Na Grécia antiga, a memória era considerada uma identidade sobrenatural, algo divino, mãe das musas que protegia as artes e a história a deusa Mnemosyne tinha a capacidade de dar aos poetas o poder de voltar ao passado e lembrar para a coletividade, assim conferia a imortalidade aos mortais, já que a partir do registro dos poetas e dos artistas a produção seria imortalizada (CHAUÍ, 2000).

Os artistas e historiadores pediam as musas (filhas da deusa da Memória) que protegessem suas obras para que pudessem servir de exemplo para as gerações futuras. Assim, a memória era considerada inseparável da experiência do tempo (CATARINO, PEREIRA, 2008)

Mas não eram apenas os artistas e historiadores que recorriam a Deusa da memória, a arte médica também buscava a ajuda trazida pelo paciente, solicitava que o doente pudesse recordar das circunstâncias que o adoeceram e essas lembranças auxiliariam os médicos para pensar em um diagnóstico e o tratamento específico para aquele paciente, desta prática a conhecemos até os dias de hoje como a anamnese (CHAUI, 2000).

Mas a memória também possui para os romanos a função de uma arte chamada de retórica, que estava destinada a produzir emoções e persuadir os ouvintes, utilizando-se da linguagem de forma bela e eficaz para encantar o público. O bom orador para os romanos pronunciava longos discursos sem a leitura ou se apoiar em anotações, eles aprendiam as regras fundamentais da oratória e a memória era indispensável para um bom desempenho (CATARINO, PEREIRA, 2008).

A memória dentro da Neurociência é um campo muito estudado e ainda cheio de mistérios. A todo instante é a ela que iremos recorrer para lembrar uma experiência passada e planejar o que faremos no futuro, baseado nestas informações.

Nas últimas décadas muito se avançou nas pesquisas a respeito da memória e temos evidências que são consideráveis para apontar que o ser humano possui diversas formas de memória envolvendo diferentes regiões e combinações de regiões encefálicas (KANDEL et al., 2014).

Segundo Kandel (2014) para que ocorra o armazenamento das informações será necessária à memória de curto prazo ou memória de trabalho, responsável por manter as informações, mesmo que transitórias, para que possamos alcançar certos

objetivos. Seu funcionamento ocorrerá por meio de dois subsistemas: um para informação verbal e outro para a informação visuoespacial.

Para controlar a orquestra da entrada de informações o terceiro sistema denominado de controle executivo, assim será possível prestar atenção, monitorar, manipular e atualizar a entrada das informações.

Foi na década de 1950 que os estudos sobre a memória e suas evidências emergiram principalmente relacionados às bases neurais das memórias de longa duração. O caso de H.M. estudado pela psicóloga Brenda Milner e pelo cirurgião William Scoville.

Após sofrer de epilepsia intratável do lobo temporal causado por uma lesão encefálica por uma queda de bicicleta aos 7 anos, H.M. quando adulto passou por uma cirurgia que removeu a formação hipocampal, a amígdala e partes da área associativa multimodal do córtex temporal. Apesar da cirurgia de H.M. ter controlado as crises convulsivas, ele passou a ter um importante déficit de memória.

Com a memória de curta duração normal e recordando de eventos antes da cirurgia (lembrava seu nome, eventos da infância) e com a memória semântica preservada, H.M. não conseguia transferir as informações da memória de trabalho para a memória de longa duração.

Não conseguia recordar de pessoas, objetos e lugares onde havia a pouco tempo tido contato. A psicóloga Brenda Milner a quem H.M. viu por diversos anos, todo o mês a cada encontro era como se nunca tivessem se visto. O caso de H.M. é um marco histórico porque deixou claro que existe uma ligação entre a memória e o lobo temporal medial, incluindo o hipocampo (KANDEL, 2014).

Para além da descoberta de uma área que responderia pela memória, o caso de H.M. trouxe uma descoberta importante, de que nem todos os tipos de memória estariam prejudicados. Que o paciente era capaz de formar e reter outros tipos de memórias de longa duração.

A natureza da memória pode ser classificada em memórias implícitas e memórias explícitas.

A memória implícita demanda treinamento e mais tempo para a sua formação. Ela armazena informações que orientam o comportamento inconsciente, são as habilidades motoras, cognitivas e de percepção aprendidas por repetição, por exemplo, diante de um objeto saber o que é e para que serve - memória de representação perceptual - ou mesmo quais os movimentos motores devemos realizar para a condução de um automóvel - Memória de procedimentos - (LENT, 2010; KANDEL et al., 2014).

A memória explícita pode ser apresentada de duas formas, episódica e semântica. A memória episódica relaciona-se com as experiências pessoais, relação com nossa autobiografia, lembrar-se da última exposição que você foi visitar, se estava na companhia de alguém, envolve assim os eventos datados, relacionados ao tempo. Já na memória semântica serão envolvidos conceitos atemporais, como por exemplo, recordar qual o nome do artista holandês que cortou a orelha e desenhava autorretratos (LENT, 2010; KANDEL et al., 2014).

Para o processamento da memória explícita ocorrem quatro operações distintas:

A codificação, momento em que as informações serão observadas e farão conexões com informações que já estão armazenadas na memória;

O armazenamento, o hipocampo é o responsável por essa função, como um botão para salvar as memórias explícitas, o hipocampo e regiões próximas ficam ativos à medida que as pessoas formam memórias explícitas;

A consolidação que é o processo que faz as informações ficarem estáveis, as memórias não ficaram permanentemente no hipocampo, ele parece exercer uma central para o recebimento dessas memórias, que logo migraram para outras regiões do encéfalo.

O sono é importante para a consolidação da memória, é durante o sono que o hipocampo processará as memórias para a futura evocação.

A evocação é o processo que traz novamente a informação guardada anteriormente, a evocação costuma ser mais eficiente quando se tem alguma “dica”, cada pedaço de informação se interligará com outro.

As melhores pistas para a evocação da memória são os cheiros, paladares e pistas visuais (KANDEL et. al, 2014; MYERS, DEWALL, 2017).

Memórias evocadas são o resultado de uma interação complexa entre várias regiões encefálicas, podendo ser modificadas ao longo do tempo por influências múltiplas. Várias formas de esquecimento e distorção dizem muito acerca da flexibilidade da memória, que permite que o encéfalo se adapte ao ambiente físico e social (KANDEL et. al., 2014, p. 1272)

Nossas emoções desencadeiam hormônios que podem influenciar na formação de memórias, guardamos mais facilmente fatos de nossas vidas que apresentam forte componente emocional (positivo ou negativo), mas o estado de alerta e atenção também terão forte componente modulador na memória.

“Sem a força de ligação da memória, as nossas experiências seriam retalhadas em vários fragmentos, assim como alguns momentos de nossa vida. Sem a viagem mental do tempo oferecido pela memória nós não teríamos conhecimento da nossa história pessoal, não teríamos como recordar as alegrias que se tornaram grande marcos em nossa vida. Nós somos quem somos em consequência do que aprendemos e do que nos lembramos”.

(EM BUSCA DA MEMÓRIA, 2009¹)

No filme “Em busca da memória” de Eric Kandel, o neurocientista e psicanalista, ganhador do prêmio Nobel de medicina e fisiologia em 2000, com sua pesquisa que revelou aspectos fundamentais do processo de formação de memórias de longo prazo, relatando como ocorre o processo da consolidação da memória. E o papel fundamental da emoção para a criação de novas sinapses.

Uma das cenas mais encantadoras do filme apresenta por meio de exames de imagens novas conexões sinápticas se formando, lembrando um tecer, como linhas que cruzam um tecido e formam novas histórias.

¹ Em busca da memória (Filme). Direção Petra Seeger. Produção Auf der Suche nach dem Gedachtnis, Áustria, 2009.

É através do contato social que ocorre a construção das memórias, Halbwachs (1990) entende que a memória é um fenômeno coletivo e social, o autor aponta para dois tipos de memória: a individual e a coletiva, a individual sendo a memória particular, pessoal e interior e a memória coletiva envolvendo a memória individual, mas se confundindo com ela, a memória coletiva tem a capacidade de reter o passado, porém, somente o que está vivo no grupo lembranças capazes de viver na consciência dos pequenos e grandes grupos.

Para Benjamin (1987 apud SOUSA, 2019) a musa da narrativa é a memória, a arte de narrar para este autor é comparável ao ato de tecer, ele afirma que a arte de contar histórias se perde quando ninguém mais fia ou tece quando ouve uma história.

A arte contemporânea apropriou-se da linguagem das linhas, costuras e bordados para trazer ao espectador o emaranhado de memórias e expressão.

No Brasil, a artista-costureira Leda Catunda constrói uma prática discursiva, narra os acontecimentos com fios e dialoga com a memória construída pela ancestralidade (ANDRADE, CHAGAS, 2018, SOUSA, 2019).

Outro exemplo é a arte de Leonilson que trazia em seus trabalhos uma fotobiografia, bordava sua memória explícita, traz a sua arte o regionalismo e a delicadeza dos bordados de suas avós (ANDRADE, CHAGAS, 2018, SOUSA, 2019).

Conforme afirma Andrade e Chagas (2018), “os bordados de Léo são folhas de um diário, onde colocava seu coração à exposição do mundo”.

Segundo Phillipini (2009) no processo criativo que o bordado e a costura traz compartilhamos memórias em um terreno ancestral, retomando o fio da meada e descobrindo a própria saída do labirinto.

No trabalho de arteterapia, a memória é estimulada em todos os seus tipos, sejam implícitas ou explícitas, criando novas memórias ou resgatando as escondidas no fundo do inconsciente.

O trabalho de arteterapia com idosos é rico de memórias, rico de experiências, mas que por vezes por uma questão do tempo não conseguem ser evocados tão rapidamente, necessitam de “dicas” para que sejam resgatadas, mas algumas linguagens parecem resistir ao tempo, deixando um traço ancestral na sua criação.

Igualmente ocorre com as linguagens que utilizam da linha, da costura, do bordado. Em um trabalho com bordado por vezes as memórias desenrolam-se como se desenrola um fio, parecendo buscar resgatar os fios que às vezes se perdem e continuar a contar a história.

Nesta busca de evocar memórias e associá-las a ancestralidade e a neurociência encontrei-me nas minhas próprias memórias da costura e do bordado, forte conexão com as mulheres da minha família e nas mulheres que hoje atendo em um centro de convivência.

Tivemos a oportunidade, junto ao centro de convivência, de visitar a exposição da Casa Bordada em São Paulo, o projeto de montagem reproduzia a estrutura de uma casa, construída com o pano, agulha e linha e diferentes riscos de

bordado, reunia 60 participantes de diversas regiões do Brasil, trazendo diferentes tipos de bordados (figura1).



Figura 1 - Exposição "A Casa Bordada"

Ao entrar na exposição o ambiente remetia imediatamente à imagem de mulheres sentadas conversando, trocando as suas memórias, ressignificando suas vidas. Para as idosas que acompanhavam a exposição, ali nitidamente foram evocadas suas memórias de vida, não era difícil ouvir um relato como “minha mãe fazia este ponto” ou mesmo “eu bordei toda a toalha de mesa do meu enxoval...”.

Naquele momento adentrar aquela casa repleta de bordados foi o resgate de memórias importantes, que contavam as histórias de um tempo, que resgatava a memória de cada participante.

Em nosso encontro seguinte a proposta era que pudéssemos trazer um pouco daquela memória para a nossa tarde. E neste ir e vir de fios formou-se a energia de um encontro ancestral, elas trazendo a experiência e a evocação de suas

memórias e eu como mulher me identificando com a linguagem feminina do bordado, absorvida pela experiência das memórias tão profundas, transpondo o encontro a algo sagrado (Figura 2).



Figura 2 - Atividade de bordado com idosos do Centro de Convivência

Essa atividade que iniciou com uma visita externa, proporcionando aos participantes o ver Arte, recurso que desencadeou evocar as memórias de infância, de momentos importantes como o casamento, o nascimento de um filho e que acabou por formar novas memórias, uma memória coletiva.

Para Halbwachs, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. O que nos parece unidade é múltiplo (BOSI, 1994, p. 413 apud SOUSA, 2019).

Aquele processo para mim não era longe da minha convivência com a minha mãe e minha avó, e muitas vezes a linha que nos amarrava estava no momento de uma costura ou um bordado. E para Sousa (2019, p. 41):

O bordado, esta memória é entranhada em relações de afeto de mães, avós e filhas, o que transcende o significado da prática para algo muito mais íntimo e potente (...) a prática do bordado, antes confinada ao lar e que girava em torno da família, foi se reestruturando com o passar do tempo, chegando a novos espaços e diferentes contextos. Aos poucos, deixou de ser visto como elemento formador da valorização da mulher – da moça prendada que estava predestinada em ser uma amável mãe e excepcional dona de casa – para tornar-se um recurso de emancipação feminina. Porém, apesar das novas relações decorrentes nos diversos espaços conquistados pelas mulheres pela prática do bordado, a associação com os laços familiares permaneceu. Isto é, o bordado como legado de geração para geração.

E nessas memórias que ficaram gravadas no individual e no coletivo, hoje observo a minha avó, a quem a memória biográfica se esvai a cada dia, mas com quem as minhas linhas permanecem através do movimento que ela insistentemente repete, o de seguir com o seu crochê, fazendo-me lembrar a imagem exibida no filme de Kandel, parece buscar as memórias entre os fios que já não retornam com facilidade para completar um ponto, ou construir uma história (Figura 3).

E nessa memória implícita de saber o movimento do ponto de crochê que é possível recordar, movimento que conheço, pois tenho na minha memória ela me

ensinando, este hoje é um dos nossos únicos contatos, o entrelaçar de linhas, um olhar e um sorriso...

Que Menemosyne possa celebrar este encontro.

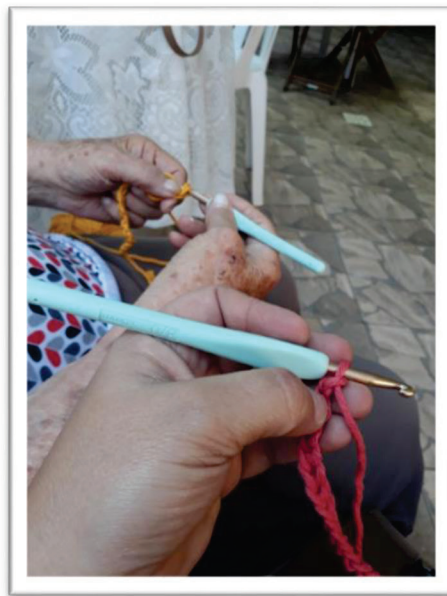


Figura 3 - Nosso crochê (Eu e minha avó)

Data de recebimento: 24.01.2020

Data de aceite 1º parecerista: 06.08.2020

Data de aceite 2º parecerista: 06.08.2020

Referências

ANDRADE, K. S.; CHAGAS, J. S. **Tramas narrativas, um mergulho com o artista Leonilson**. *PROA Revista de Antropologia e Arte*, v.1, n.8, p. 53-71, 2018.



CANTARINO, J. M. F.; PEREIRA, D. A. **Memória: da filosofia à neurociência.** Universitas: Ciências da Saúde, v.2, n.2, p. 165-200, 2008.

CHAUI, M.. **Convite à filosofia.** Ática, 2000.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice. Editora Revista dos Tribunais, 1990.

KANDEL, E. et al. **Princípios de Neurociências-5.** AMGH Editora, 2014.

LENT, R. **Cem bilhões de neurônios.** Conceitos fundamentais de neurociência, 2010.

MYERS, D. G. **Psicologia.** 11ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

SOUSA, J. P. de. **Tramas Invisíveis: Bordado e a memória do feminino no processo criativo.** Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências das Artes, Programa de Pós Graduação em Artes, Belém, 2019.